

The First Chapter of Gabriel Conroy, by Bret Harte

O primeiro capítulo de Gabriel Conroy, de Bret Harte

Luísa de Freitas
Vitor Alevato do Amaral

Comentários dos tradutores

Os leitores de Joyce conhecem Gabriel Conroy do último, mais longo e mais famoso conto de *Dublinenses*, “Os mortos”. Mas a maioria desses leitores estranhará se lhes perguntarem se leram um romance chamado *Gabriel Conroy*. A verdade é que antes da personagem de “Os mortos” o escritor Bret Harte já havia criado o capitão Gabriel Conroy para seu romance homônimo de 1876. Ao escolher esse nome para o protagonista de seu conto, Joyce estabeleceu um diálogo, ainda que possivelmente superficial, entre a sua obra e a de Harte.

Entre os cerca de seiscentos livros que formavam a biblioteca de Joyce em Trieste em 1920 estava uma cópia do romance de Harte, *Gabriel Conroy*, datada de 1903 (Ellmann, *The Consciousness* 111). Em uma carta enviada a seu irmão Stanislaus Joyce em 25 de setembro de 1906, Joyce lhe pergunta, “você acha que eu devo gastar 2 libras comprando um livro de [George] Gissing – ou devo comprar um livro de Bret Harte[?]” (Ellmann, *Letters II* 166). Tanto o romance de Harte, *Gabriel Conroy*, quanto os de Gissing, *The Crown of Life* and *Demos: A Story of English Socialism*, foram parar na biblioteca triestina de Joyce. Mais tarde, Joyce sugeriu que seu neto postigo David Fleischmann lesse Bret Harte (Ellmann, *James Joyce* 247). Joyce provavelmente esperava que o menino fosse conquistado pela atmosfera de Velho Oeste do romance assim como os estudantes de “Um encontro” ficavam fascinados pelas histórias do Oeste Selvagem (Joyce 19).

Francis Bret[t] Harte (1836-1902) nasceu em Albany, Nova York, e é mais conhecido como contista, muito embora tenha escrito também peças de teatro, poemas e romances. Mudou-se para a Califórnia quando tinha dezoito anos (Ousby). Lá, com Joaquin Miller (1837-1913), ele se tornou um dos escritores do Oeste que influenciaram Mark Twain (Ruland and Bradbury 195). *Gabriel Conroy* (1876) foi seu primeiro romance.

O breve artigo de Gerhard Friedrich, “Bret Harte as a Source for James Joyce’s ‘The Dead’” (Bret Harte como fonte para “Os mortos”, de James Joyce), parece ter sido o primeiro a tratar do romance de Harte como uma fonte para o conto de Joyce. Friedrich afirma que “Joyce certamente deve o nome de Gabriel Conroy, provavelmente também o de Greta Conroy, assim como o símbolo-chave da nevasca que enterra os vivos e os mortos, magnificamente desenvolvido pelo escritor, a um romance de Bret Harte” (443).

No entanto, Brandon Kershner levanta uma dúvida plausível acerca de Joyce ter usado o romance de Harte como fonte: “Em certa medida, Joyce guiou seus intérpretes”, escreveu Kershner, e “sem dúvida ele estaria pronto para apontar Bret Harte como uma ‘fonte’ de ‘Os mortos’ (Friedrich), pois nem ele mesmo nem qualquer outra pessoa duvidaria que ‘Os mortos’ seja muito melhor do que qualquer coisa que Bret Harte tenha feito” (184-185).

Joyce comprou *Gabriel Conroy* em setembro de 1906, ou depois disso. “Os mortos” foi escrito entre julho de 1906 e março de 1907. Portanto, se Joyce não usou o romance de Harte como fonte para seu conto, ao menos é possível afirmar, com pouca margem de erro, que o romance forneceu a Joyce o nome de seu protagonista. Ademais, e talvez principalmente, os dois primeiros parágrafos do romance ofereceram a Joyce a imagem, com suas repetições e tom, que ele usaria no parágrafo final de “Os mortos”.

Snow. Everywhere. As far as the eye could reach ... filling ravines and gulches, and dropping from the walls of cañons in white shroud-like drifts ... and completely covering young trees and larches, rimming with porcelain the bowl-like edges of still, cold lakes, and undulating in motionless white billows to the edge of the distant horizon. Snow lying everywhere over the California Sierras on the 15th day of March 1848, and still falling.

It had been snowing for ten days: snowing in finely granulated powder, in damp, spongy flakes, in thin, feathery plumes, snowing from a leaden sky steadily, snowing fiercely, shaken out of purple-black clouds in white flocculent masses, or dropping in long level lines, like white lances from the tumbled and broken heavens...

Joyce transformou o texto acima (encurtado por nós) no que segue abaixo:

A few light taps upon the pane made him turn to the window. It had begun to snow again. He watched sleepily the flakes, silver and dark, falling obliquely against the lamplight. The time had come for him to set out on his journey westward. Yes, the newspapers were right: snow was general all over Ireland. It was falling on every part of the dark central

plain, on the treeless hills, falling softly upon the Bog of Allen and, farther westward, softly falling into the dark mutinous Shannon waves. It was falling, too, upon every part of the lonely churchyard on the hill where Michael Furey lay buried. It lay thickly drifted on the crooked crosses and headstones, on the spears of the little gate, on the barren thorns. His soul swooned slowly as he heard the snow falling faintly through the universe and faintly falling, like the descent of their last end, upon all the living and the dead (Joyce 223-224).

Uns poucos baques fracos contra o vidro fizeram-no se virar para a janela. Começava a nevar novamente. Sonolento ficou vendo os flocos, negros e prata, caindo oblíquos contra a luz do poste. Era chegada a hora de partir em sua jornada rumo oeste. Sim, os jornais estavam certos: a nevasca era geral em toda a Irlanda. A neve caía em cada trecho do negro planalto central, nas secas colinas, suave caía sobre o pântano de Allen e, mais a oeste, caía suave nas negras ondas rebeldes do Shannon. Caía, também, sobre todo o solitário cemitério da colina em que enterrado Michael Furey repousava. Espessa pousava deposta em rajadas nas cruzes contorcidas e nas lápides, nas pontas do estreito portão, nos espinheiros nus. Sua alma desmaiava lentamente enquanto ouvia a neve cair leve no universo e o leve cair da neve, como o pouso de seu fim definitivo, sobre todos os vivos e os mortos (Joyce, trans. by Galindo 257).

A imagem da paisagem colmada pela neve, repousando e caindo sobre ela (observem o uso da forma verbal “lying” e “falling” pelos dois escritores), o uso da repetição como figura de linguagem, e finalmente o tom desolado e introspectivo dos dois textos deixam claro que Joyce tinha em mente o texto de Harte e com ele dialogou. A principal diferença entre os dois textos é que Harte permanece na esfera física enquanto Joyce avança para a esfera metafísica. Em Harte, a neve não é mais do que um elemento natural que corresponde a um certo estado de ânimo; em Joyce, para além disso, ela é um elemento metafísico que conecta todos os seres humanos, vivos ou mortos.

É importante, porém, medir o alcance do romance de Harte enquanto fonte para «Os mortos». O romance foi, quase certamente, uma fonte da poderosa e metafísica imagem joyciana da neve, assim como do nome de seu protagonista, mas é incerto que tenha servido como algum tipo de fonte em termos de tema e enredo.

Não encontramos tradução de *Gabriel Conroy* no Brasil. Esta tradução do primeiro capítulo foi feita a partir da publicação da editora Houghton, Mifflin and Company (1882).

Referências

- Ellmann, Richard, editor. *Letters of James Joyce*. Vol. 2. Faber and Faber, 1966.
- Ellmann, Richard. *The Consciousness of James Joyce*. Oxford U. P., 1977.
- . *James Joyce*. 2nd ed. Oxford U. P., 1983.
- Friedrich, Gerhard. “Bret Harte as a Source for James Joyce’s ‘The Dead’”. *Philological Quarterly*, vol. 33, no. 4, 1954, pp. 442-444.
- Kershner, Brandon. “Dialogical and Intertextual Joyce”. *James Joyce Studies*, edited by Jean-Michel Rabaté, Palgrave Macmillan, 2004, pp. 183-202.
- Joyce, James. *Dubliners*. The Viking Press, 1972.
- . *Dublinenses*. Translated by Caetano W. Galindo. Penguin / Companhia das Letras, 2018.
- Ousby, Ian, editor. *The Wordsworth Companion to Literature in English*. Wordsworth, 1998.
- Ruland, Richard and Malcolm Bradbury. *From Puritanism to Postmodernism*. Penguin, 1992.

Comments by the Translators

Readers of Joyce know the character Gabriel Conroy from *Dubliners*' final, longest, and most famous short story, "The Dead". But the question whether they have read a novel called *Gabriel Conroy* will certainly make most of those readers frown. Yet before the protagonist of "The Dead" was created by Joyce, another character in literature had been called by this name, Captain Gabriel Conroy, from Bret Harte's 1876 homonymous novel. By choosing that name for the protagonist of his short story, Joyce established a dialogue, although a possibly superficial one, between his work and that of Harte.

Among the approximately six hundred books that formed Joyce's library in Trieste in 1920 was a 1903 copy of Harte's *Gabriel Conroy* (Ellmann, *The Consciousness* 111). In a letter to his brother Stanislaus Joyce, on September 25, 1906, Joyce asked him, "do you think I should waste 2 lire on buying a book of [George] Gissing's – or ought I buy a volume of Bret Harte[?]" (Ellmann, *Letters II* 166). Harte's *Gabriel Conroy* and Gissing's *The Crown of Life* and *Demos: A Story of English Socialism* were to be found in Joyce's Triestine library. Later, Joyce suggested that his step-grandson David Fleischmann read Bret Harte (Ellmann, *James Joyce* 247). Joyce probably hoped that the Far West atmosphere of the novel would entertain the boy no less than the schoolboys in "An Encounter" were enthralled by the Wild West stories that they read (Joyce 19).

Francis Bret[t] Harte (1836-1902) was born in Albany, New York, and is better known as a short story writer, although he also wrote plays, poems, and novels. He moved to California when he was eighteen years old (Ousby). Alongside Joaquin Miller (1837-1913), he became one of the Western writers there that influenced Mark Twain (Ruland and Bradbury 195). *Gabriel Conroy* (1876) was his first novel.

Gerhard Friedrich's brief article "Bret Harte as a Source for James Joyce's 'The Dead'" seems to have been the first to treat Harte's novel as a source for Joyce's story. Friedrich affirms that "Joyce was certainly indebted for the name of Gabriel Conroy, probably also for that of Greta Conroy, and for the magnificently developed key symbol of a heavy snowfall burying both the living and the dead, to a novel by Bret Harte" (443).

However, Brandon Kershner raises a plausible doubt about Joyce having used the American novel as such. "To some extent, Joyce has guided his interpreters", wrote Kershner, and "no doubt he would have been ready to cite Bret Harte as a 'source' for 'The Dead' (Friedrich), given that neither he nor anyone else would doubt that 'The Dead' is a far better story than anything Bret Harte ever produced" (184-185).

Joyce bought *Gabriel Conroy* in or after September 1906. “The Dead” was written from July 1906 to March 1907. So if Joyce did not use Harte’s work as a source for his short narrative, at least it is possible to assert, with very little possibility of error, that the novel provided the name for Joyce’s character. Moreover, and maybe importantly, its first two paragraphs provided Joyce with the image, with its repetitions and tone, that he used in the last paragraph of “The Dead”.

Snow. Everywhere. As far as the eye could reach ... filling ravines and gulches, and dropping from the walls of cañons in white shroud-like drifts ... and completely covering young trees and larches, rimming with porcelain the bowl-like edges of still, cold lakes, and undulating in motionless white billows to the edge of the distant horizon. Snow lying everywhere over the California Sierras on the 15th day of March 1848, and still falling.

It had been snowing for ten days: snowing in finely granulated powder, in damp, spongy flakes, in thin, feathery plumes, snowing from a leaden sky steadily, snowing fiercely, shaken out of purple-black clouds in white flocculent masses, or dropping in long level lines, like white lances from the tumbled and broken heavens...

Joyce turned the above (shortened by us) into the following lines:

A few light taps upon the pane made him turn to the window. It had begun to snow again. He watched sleepily the flakes, silver and dark, falling obliquely against the lamplight. The time had come for him to set out on his journey westward. Yes, the newspapers were right: snow was general all over Ireland. It was falling on every part of the dark central plain, on the treeless hills, falling softly upon the Bog of Allen and, farther westward, softly falling into the dark mutinous Shannon waves. It was falling, too, upon every part of the lonely churchyard on the hill where Michael Furey lay buried. It lay thickly drifted on the crooked crosses and headstones, on the spears of the little gate, on the barren thorns. His soul swooned slowly as he heard the snow falling faintly through the universe and faintly falling, like the descent of their last end, upon all the living and the dead (Joyce 223-224).

The image of the snow-covered landscape, with the snow “lying” and “falling” (notice the use of the same verbs by both writers) on it, the use of repetition as a figure of speech, and finally the desolate and introspective tone in both texts make clear that Joyce had Harte’s text in mind and established a dialogue with it. The main difference between the two texts

is that Harte remains in the physical sphere while Joyce advances to the metaphysical one. In Harte, the snow is a natural element creating a state of mind; in Joyce, it is a metaphysical element connecting all human beings, living or dead.

However, it is important to measure the reach of Harte's novel as a source for "The Dead". The novel was almost certainly a source for Joyce's powerful, metaphysical snow-image as well as for his character's name, but it is doubtful that it might have served as any kind of source in terms of theme or plot for Joyce.

We have not found any translation of *Gabriel Conroy* in Brazil. This translation of the first chapter was made from the Houghton, Mifflin and Company edition (1882).

Works Cited

- Ellmann, Richard, editor. *Letters of James Joyce*. Vol. 2. Faber and Faber, 1966.
- Ellmann, Richard. *The Consciousness of James Joyce*. Oxford U. P., 1977.
- . *James Joyce*. 2nd ed. Oxford U. P., 1983.
- Friedrich, Gerhard. "Bret Harte as a Source for James Joyce's 'The Dead'". *Philological Quarterly*, vol. 33, no. 4, 1954, pp. 442-444.
- Kershner, Brandon. "Dialogical and Intertextual Joyce". *James Joyce Studies*, edited by Jean-Michel Rabaté, Palgrave Macmillan, 2004, pp. 183-202.
- Joyce, James. *Dubliners*. The Viking Press, 1972.
- . *Dublinenses*. Translated by Caetano W. Galindo. Penguin / Companhia das Letras, 2018.
- Ousby, Ian, editor. *The Wordsworth Companion to Literature in English*. Wordsworth, 1998.
- Ruland, Richard and Malcolm Bradbury. *From Puritanism to Postmodernism*. Penguin, 1992.

Livro I

No limiar

Capítulo I

Fora

Neve. Por toda parte. Até onde a vista alcançava — cinquenta milhas, olhando para o sul de cima do mais alto cume branco —, preenchendo ravinas e desfiladeiros e descendo pelas paredes dos cânions em caminhos alvos e amortalhados, moldando o pico fronteiro à semelhança de um túmulo monstruoso, escondendo as bases de pinheiros gigantes e cobrindo completamente árvores jovens e lariços, rodeando com porcelana as bordas arredondadas de lagos gélidos e imóveis, e ondulando em nuvens brancas e imóveis até o limite do horizonte distante. Neve repousando por toda parte sobre as Sierras da Califórnia no dia 15 de março de 1848, e ainda caindo.

Estava nevando havia dez dias: nevando em pó finamente granulado, em flocos úmidos e esponjosos, em penas ralas e emplumadas, nevando de um céu plúmbeo firmemente, nevando violentamente, caindo de nuvens roxo-negras em massas brancas floculantes, ou descendo em longas linhas niveladas, como lanças brancas do céu agitado e fechado em cores diversas. Mas sempre silenciosamente! Os bosques estavam tão cheios de neve — os galhos tão carregados —, de tal forma ela havia permeado, preenchido e possuído terra e céu; e de tal forma havia amaciado e abafado as rochas ressonantes e as colinas ecoantes que todo som fora amortecido. A mais forte tempestade, a mais feroz rajada não despertou qualquer suspiro ou reclamação das rígidas fileiras enevoadas de floresta. Não havia estampido de galhos nem estalar de arbustos; os ramos sobrecarregados de pinheiros e abetos se rompiam e cediam sem qualquer barulho. O silêncio era vasto, imensurável, completo! Tampouco se podia dizer que qualquer sinal externo de vida ou movimento mudava os contornos fixos dessa paisagem abatida. Acima, não havia nenhum jogo de luz e sombra, apenas o aprofundamento ocasional de tempestade ou noite. Abaixo, nenhum pássaro abria as asas através da vastidão branca, nenhuma criatura assombrava os confins da floresta negra; o que quer que tenha outrora habitado esta solidão já há muito voara para as terras baixas.

Não havia pegadas ou vestígios; qualquer passo que pudesse ter deixado sua marca sobre este deserto, cada queda sucessiva de neve obliterou todo rastro ou registro. A cada

manhã, a solidão era virgem e renovada; um milhão de pequeninos pés haviam pisado e preenchido a rota. E, no entanto, no centro desta desolação, no próprio reduto deste severo forte, lá estava a marca da presença humana. Algumas árvores haviam sido derrubadas na entrada do cânion e as lascas de lenha recém-cortada estavam apenas levemente cobertas de neve. Serviam, talvez, para indicar outra árvore marcada por um golpe de machado, portando uma mal-esculpida estatueta de madeira na forma de mão humana, apontando para o cânion. Abaixo da mão, havia um fragmento quadrado de lona, firmemente cravada na casca, trazendo a seguinte inscrição:

AVISO

O grupo de emigrantes do capitão Conroy está perdido na neve e acampado neste cânion.
Sem mantimentos e famintos!

Deixamos St. Jo, 8 de outubro, 1847.

Deixamos Salt Lake, 1º de janeiro, 1848.

Chegamos aqui, 1º de março, 1848.

Perdemos metade de nossa carga no Platte.

Abandonamos nossas carroças em 20 de fevereiro.

SOCORRO!

Nossos nomes são:

Joel McCormick, Jane Brackett,
Peter Dumphy, Gabriel Conroy,
Paul Devarges, John Walker,
Grace Conroy, Henry March,
Olympia Conroy, Philip Ashley,
Mary Dumphy.

(Depois em letras menores, a lápis:)

Mamie morreu, 8 de novembro, Sweetwater.
Minnie morreu, 1º de dezembro, Echo Cânion.
Jane morreu, 2 de janeiro, Salt Lake.
James Brackett, perdido, 3 de fevereiro.

SOCORRO!

A linguagem do sofrimento não pode ser estilizada ou pensada, mas creio que nem mesmo a retórica pudesse melhorar esse registro real. Assim, ali deixei o aviso, tal como estava naquele dia 15 de março de 1848, parcialmente escondido por uma fina camada de neve úmida, a mão branqueada de neve endurecida e apontando rigidamente para o fatídico cânion como o dedo da Morte.

Ao meio-dia, houve uma pausa na tempestade e um leve clarear do céu ao leste. Os contornos sombrios das colinas distantes retornaram, e o gélido flanco alvo da montanha começou a reluzir. Através de sua lúgubre concavidade, algum objeto preto se movia — movia-se lenta e laboriosamente; movendo-se em um progresso tão incerto que, a princípio, foi difícil detectar se era animal ou humano — às vezes de quatro, às vezes ereto, por vezes apressando-se como um homem bêbado, mas sempre com um certo intento determinado, em direção ao cânion. À medida que ele se aproximava, via-se que era um homem — um homem abatido, maltrapilho e envolto em um manto de búfalo esfarrapado, mas ainda um homem, e determinado. Um jovem, apesar de sua figura curvada e membros atrofiados — um jovem apesar das rugas prematuras que a preocupação e a ansiedade haviam colocado em sua testa e nos cantos de sua boca rígida — um jovem apesar da expressão de misantropia selvagem com que o sofrimento e a fome sobrepuseram-se à franca impulsividade da juventude. Quando chegou à árvore na entrada do cânion, escovou a camada de neve do letreiro de lona e depois se apoiou por um momento no tronco, exausto. Havia algo no abandono de sua atitude que indicava ainda mais pateticamente do que seu rosto e corpo a sua prostração absoluta — uma prostração bastante inconsistente com qualquer causa visível. Depois de descansar, ele voltou a avançar com uma intensidade nervosa, cambaleando, arrastando os pés, caindo, curvando-se para substituir os sapatos de neve grosseiramente improvisados com cascas de abeto que frequentemente escorregavam de seus pés, mas sempre recomeçando com a febre de alguém que duvidava até mesmo da força contínua de sua determinação.

Por uma milha além da árvore, o cânion se estreitava e gradualmente tomava a direção do sul e, nesse ponto, surgia uma fina nuvem de fumaça ondulada que parecia subir

de alguma fenda na neve. À medida que ele se aproximava, as marcas de pegadas recentes se faziam visíveis; houve algum deslocamento da neve em torno de um monte baixo de onde a fumaça agora saía claramente. Aqui ele parou, ou melhor, deitou-se, diante de uma abertura ou caverna na neve, e soltou um grito fraco. A resposta foi ainda mais fraca. Logo um rosto subiu pela abertura, e uma figura esfarrapada como a sua, depois outra, e depois outra, até que oito criaturas humanas, homens e mulheres, o cercaram na neve, agachados como animais e, como animais, abandonados por toda noção de decência e pudor.

Estavam tão abatidos, tão enfraquecidos, tão perdidos, tão pálidos — tão lamentáveis em seu aspecto humano ou, melhor dizendo, no que havia restado de um aspecto humano — que talvez se tenha chorado por eles enquanto estavam sentados ali; tão brutos, tão débeis, irracionais e grotescos nesses novos atributos animais, que podem ter provocado um sorriso. Eram originalmente camponeses, majoritariamente daquela classe social cuja dignidade é apta a depender mais das circunstâncias, posição e arredores do que em qualquer poder moral individual ou força intelectual. Haviam perdido o juízo de pudor no sentido de igualdade de sofrimento; não havia nada dentro deles para substituir os prazeres materiais que estavam perdendo. Eram infantis sem a ambição nem a emulação da infância; eram homens e mulheres sem a dignidade ou a simplicidade do masculino ou do feminino. Tudo aquilo que os elevava além do nível de brutos estava perdido na neve. Até as características de sexo sumiram; uma velha de sessenta anos discutia, brigava e praguejava com a fala bronca e os gestos deselegantes de um homem; um rapaz de temperamento escorbútico chorava, suspirava e desmaiava com a histeria de uma mulher. A degradação deles era tão profunda que o estranho que os havia evocado da terra, mesmo em seus próprios trapos e tristeza, parecia pertencer a outra raça.

Eram todos intelectualmente fracos e indefesos, mas um deles, a mulher, parecia ter enlouquecido completamente. Carregava uma manta enrolada para representar uma criança — a memória tangível de uma que morrera de fome em seus braços alguns dias antes — e a balançava de um lado para o outro enquanto estava sentada, com uma fé digna de pena. Mas ainda mais lamentável era o fato de que nenhum dos seus companheiros dava a menor atenção, fosse por simpatia ou reclamação, à sua anomalia. Quando, alguns momentos depois, ela pediu que se calassem porque o “bebê” estava dormindo, eles a olharam indiferentemente e prosseguiram. Um homem ruivo, que estava mastigando um pedaço de couro de búfalo, lançou-lhe uma única mirada mortífera, mas logo depois parecia ter se esquecido de sua presença, absorvido pela sua atividade.

O estranho parou por um momento mais para recuperar seu fôlego do que para esperar pela atenção mais ordenada e completa do grupo. Pronunciou, então, a única palavra:

— Nada!

“Nada!” Eles todos ecoaram a palavra simultaneamente, mas com inflexão e significado distintos — um ferozmente, outro melancolicamente, outro estupidamente, outro mecanicamente. A mulher com o bebê de manta explicou à criatura nos braços: — ele diz “nada”, e então riu.

— Não, nada — repetiu o porta-voz. — A neve de ontem bloqueou a velha trilha novamente. O farol no cume se apagou. Deixei um aviso na divisa. Repita isso, Dumphy, e arranco o tampo dessa sua cabeça feia.

Dumphy, o ruivo, rudemente empurrara e golpeara a mulher com o bebê — era sua esposa, e esse ato conjugal talvez tenha sido, em parte, força do hábito — enquanto ela se arrastava para perto do porta-voz. Ela não pareceu notar o golpe nem quem o desferiu — a apatia com que essas pessoas recebiam golpes ou desconsideração era mais terrível do que brigas — mas disse, seguramente, quando alcançou o rapaz:

— Amanhã, então?

O rosto do rapaz se suavizou ao dar a mesma resposta que vinha repetindo pelos últimos oito dias à mesma pergunta:

— Amanhã, sem dúvida!

Ela se arrastou para longe, ainda abraçando a efígie de seu bebê morto com cuidado, e recuou para a abertura.

— P’rece que tu não serve de nada patrulhando! P’rece que tu não vale é nada! — disse a mulher de voz grossa, fitando o porta-voz. — Por que algum de vocês não fica no lugar dele? Por que vocês confiam suas vidas e as vidas das mulheres a esse Ashley? — ela continuou, com sua voz elevada a um latido estridente.

O rapaz histérico, Henry March, sentado ao lado da mulher, virou-lhe um rosto assustado e, então, como se temesse ser arrastado para a conversa, desapareceu subitamente atrás da senhora Dumphy.

Ashley deu de ombros e, respondendo ao grupo em vez de individualmente, disse sucintamente:

— Só há uma chance, igual para todos, aberta a todos. Vocês sabem qual é. Ficar aqui é a morte; seguir não pode ser pior do que isso.

Levantou e andou devagar até o cânion algumas varas até onde outro monte era visível e desapareceu da visão dos demais. Quando ele se foi, uma conversa queixosa percorreu o círculo acocorado.

— Foi ver o velho doutor e a garota. A gente não conta.

— Dois é demais nessas bandas.

— Sim — o doutor louco e Ashley.

— Os dois são clandestinos, de qualquer jeito.

— Jonahs.

— Disse que não podia dar certo, desde que o pegamos.

— Mas o capitão convidou o velho doutor e comprou todo o estoque dele em Sweetwater e Ashley trouxe os mantimentos dele com o resto.

O porta-voz era McCormick. Em algum lugar das profundezas débeis de sua consciência, ainda havia um senso de justiça remanescente. Estava com fome, mas não irracional. Além disso, lembrava com tenro arrependimento da excelente qualidade dos mantimentos que Ashley fornecera.

— E o que isso tem a ver? — gritou a senhora Brackett. — Ele trouxe o azar com ele. Meu marido não tá morto e esse pilantra, um completo estranho, não tá vivo?

A voz era masculina, mas a lógica, feminina. Em casos de grande prostração com debilidade mental, no vazio que precede a morte por inanição ou fome, é por vezes bastante eficaz. Eles assentiram e, por uma harmonia intelectual singular, a expressão de cada um era a mesma. Era simplesmente uma maldição terrível.

— O que é que você vai fazer?

— Se eu fosse homem, eu sabia!

— Mete a faca!

— Mata e —

O restante dessa frase ficou perdido para todos os outros em um suspiro confidencial entre a senhora Brackett e Dumphy. Depois dessa confidência, sentaram-se e balançaram a cabeça juntos, como dois ídolos chineses únicos, porém horrendos.

— Olhe para esta força! e não é um trabalhador como nós — disse Dumphy. — Não me diga que não consegue alguma coisa.

— Alguma coisa o quê?

— Alguma coisa pra encher o bucho!

Mas é impossível transmitir, mesmo em maiúsculas, a intensa ênfase dada a esse verbo. Foi seguido por uma pausa terrível.

— Vamos lá ver.

— E matar o sujeito? — sugeriu a branda senhora Brackett.

Todos se levantaram com um interesse em comum, quase como entusiasmo. Mas, depois de cambalearem por alguns passos, caíram. Nem mesmo assim havia dignidade suficiente que restasse entre eles para que sentissem qualquer vergonha ou mortificação por seu plano confuso. Pararam — todos exceto Dumphy.

— Qual que era o sonho que tu tava falando agorinha? — disse o senhor McCormick, sentando-se e abandonando seu empreendimento com a mais descarada indiferença.

— Sobre o jantar no St. Jo? — perguntou o interlocutor, um cavalheiro cuja faculdade de imaginação alimentar fora ao mesmo tempo êxtase e tormento de seu presente círculo social.

— É.

Todos se reuniram ansiosamente em volta de McCormick; até o senhor Dumphy, que ainda estava se afastando, parou.

— Bom, — disse o senhor March — tudo começou com bife e cebola, bife, sabe, suculento com aquelas fatias bem grossas, e abóbora com molho e cebola. — Houve uma salivação perceptível no grupo, e o senhor March, com o gênio de um verdadeiro narrador, sob a desculpa plausível de ter esquecido sua história, repetiu a última frase — abóbora com molho e cebola. E batatas. Assadas.

— Você disse fritas antes! Escorrendo gordura! — interpôs a senhora Brackett, apressadamente. Para os que gostam fritas (mas assadas duram mais), com casca e tudo, e salchicha e café e panquecas!

Com essa palavra mágica, riram, talvez não alegremente, mas com ansiedade e expectativa, e disseram:

— Continua!

— E panquecas!

— Já falou isso daí — disse a senhora Brackett, praguejando. — Continua! —, disse com uma profanação.

O benfeitor desse banquete de Barmecide notou que estava em uma posição arriscada e procurou por Dumphy, que desaparecera.

Book I

On the threshold

Chapter I

Without

Snow. Everywhere. As far as the eye could reach — fifty miles, looking southward from the highest white peak, — filling ravines and gulches, and dropping from the walls of cañons in white shroud-like drifts, fashioning the dividing ridge into the likeness of a monstrous grave, hiding the bases of giant pines, and completely covering young trees and larches, rimming with porcelain the bowl-like edges of still, cold lakes, and undulating in motionless white billows to the edge of the distant horizon. Snow lying everywhere over the California Sierras on the 15th day of March 1848, and still falling.

It had been snowing for ten days: snowing in finely granulated powder, in damp, spongy flakes, in thin, feathery plumes, snowing from a leaden sky steadily, snowing fiercely, shaken out of purple-black clouds in white flocculent masses, or dropping in long level lines, like white lances from the tumbled and broken heavens. But always silently! The woods were so choked with it — the branches were so laden with it — it had so permeated, filled and possessed earth and sky; it had so cushioned and muffled the ringing rocks and echoing hills, that all sound was deadened. The strongest gust, the fiercest blast, awoke no sigh or complaint from the snow-packed, rigid files of forest. There was no cracking of bough nor crackle of underbrush; the overladen branches of pine and fir yielded and gave way without a sound. The silence was vast, measureless, complete! Nor could it be said that any outward sign of life or motion changed the fixed outlines of this stricken landscape. Above, there was no play of light and shadow, only the occasional deepening of storm or night. Below, no bird winged its flight across the white expanse, no beast haunted the confines of the black woods; whatever of brute nature might have once inhabited these solitudes had long since flown to the lowlands.

There was no track or imprint; whatever foot might have left its mark upon this waste, each succeeding snow-fall obliterated all trace or record. Every morning the solitude was virgin and unbroken; a million tiny feet had stepped into the track and filled it up. And yet, in the centre of this desolation, in the very stronghold of this grim fortress, there was the mark of human toil. A few trees had been felled at the entrance of the cañon, and the freshly-cut chips were but lightly covered with snow. They served, perhaps, to indicate another tree “blazed” with an axe, and bearing a rudely-shaped wooden effigy of a human

hand, pointing to the cañon. Below the hand was a square strip of canvas, securely nailed against the bark, and bearing the following inscription —

NOTICE

Captain Conroy's party of emigrants are lost in the snow, and camped up in this cañon. Out of provisions and starving!

Left St. Jo, October 8th, 1847.

Left Salt Lake, January 1st, 1848.

Arrived here, March 1st, 1848.

Lost half our stock on the Platte.

Abandoned our waggons, February 20th.

HELP!

Our names are:

Joel McCormick, Jane Brackett,
Peter Dumphy, Gabriel Conroy,
Paul Devarges, John Walker,
Grace Conroy, Henry March,
Olympia Conroy, Philip Ashley,
Mary Dumphy.

(Then in smaller letters, in pencil:)

Mamie died, November 8th, Sweetwater.

Minnie died, December 1st, Echo Cañon.

Jane died, January 2nd, Salt Lake.

James Brackett lost, February 3rd.

HELP!

The language of suffering is not apt to be artistic or studied, but I think that rhetoric could not improve this actual record. So I let it stand, even as it stood this 15th day of March 1848, half-hidden by a thin film of damp snow, the snow-whitened hand stiffened and pointing rigidly to the fateful cañon like the finger of Death.

At noon there was a lull in the storm, and a slight brightening of the sky toward the east. The grim outlines of the distant hills returned, and the starved white flank of the mountain began to glisten. Across its gaunt hollow some black object was moving — moving slowly and laboriously; moving with such an uncertain mode of progression, that at first it was difficult to detect whether it was brute or human — sometimes on all fours, sometimes erect, again hurrying forward like a drunken man, but always with a certain definiteness of purpose, towards the cañon. As it approached nearer you saw that it was a man — a haggard man, ragged and enveloped in a tattered buffalo robe, but still a man, and a determined one. A young man despite his bent figure and wasted limbs — a young man despite the premature furrows that care and anxiety had set upon his brow and in the corners of his rigid mouth — a young man notwithstanding the expression of savage misanthropy with which suffering and famine had overlaid the frank impulsiveness of youth. When he reached the tree at the entrance of the cañon, he brushed the film of snow from the canvas placard, and then leaned for a few moments exhaustedly against its trunk. There was something in the abandonment of his attitude that indicated even more pathetically than his face and figure his utter prostration — a prostration quite inconsistent with any visible cause. When he had rested himself, he again started forward with a nervous intensity, shambling, shuffling, falling, stooping to replace the rudely extemporised snowshoes of fir bark that frequently slipped from his feet, but always starting on again with the feverishness of one who doubted even the sustaining power of his will.

A mile beyond the tree the cañon narrowed and turned gradually to the south, and at this point a thin curling cloud of smoke was visible that seemed to rise from some crevice in the snow. As he came nearer, the impression of recent footprints began to show; there was some displacement of the snow around a low mound from which the smoke now plainly issued. Here he stopped, or rather lay down, before an opening or cavern in the snow, and uttered a feeble shout. It was responded to still more feebly. Presently a face appeared above the opening, and a ragged figure like his own, then another, and then another, until eight human creatures, men and women, surrounded him in the snow, squatting like animals, and like animals lost to all sense of decency and shame.

They were so haggard, so faded, so forlorn, so wan, — so piteous in their human aspect, or rather all that was left of a human aspect, — that they might have been wept

over as they sat there; they were so brutal, so imbecile, unreasoning and grotesque in these newer animal attributes, that they might have provoked a smile. They were originally country people, mainly of that social class whose self-respect is apt to be dependent rather on their circumstances, position and surroundings, than upon any individual moral power or intellectual force. They had lost the sense of shame “in the sense of equality of suffering; there was nothing within them to take the place of the material enjoyments they were losing. They were childish without the ambition or emulation of childhood; they were men and women without the dignity or simplicity of man and womanhood. All that had raised them above the level of the brute was lost in the snow. Even the characteristics of sex were gone; an old woman of sixty quarrelled, fought, and swore with the harsh utterance and ungainly gestures of a man; a young man of scorbutic temperament wept, sighed, and fainted with the hysteria of a woman. So profound was their degradation that the stranger who had thus evoked them from the earth, even in his very rags and sadness, seemed of another race.

They were all intellectually weak and helpless, but one, a woman, appeared to have completely lost her mind. She carried a small blanket wrapped up to represent a child — the tangible memory of one that had starved to death in her arms a few days before — and rocked it from side to side as she sat, with a faith that was piteous. But even more piteous was the fact that none of her companions took the least notice, either by sympathy or complaint, of her aberration. When, a few moments later, she called upon them to be quiet, for that “baby” was asleep, they glared at her indifferently and went on. A red-haired man, who was chewing a piece of buffalo hide, cast a single murderous glance at her, but the next moment seemed to have forgotten her presence in his more absorbing occupation.

The stranger paused a moment rather to regain his breath than to wait for their more orderly and undivided attention. Then he uttered the single word:

“Nothing!”

“Nothing!” They all echoed the word simultaneously, but with different inflection and significance — one fiercely, another gloomily, another stupidly, another mechanically. The woman with the blanket baby explained to it, “he says ‘nothing,’” and laughed.

“No — nothing,” repeated the speaker. “Yesterday’s snow blocked up the old trail again. The beacon on the summit’s burnt out. I left a notice at the Divide. Do that again, Dumphy, and I’ll knock the top of your ugly head off.”

Dumphy, the red-haired man, had rudely shoved and stricken the woman with the baby — she was his wife, and this conjugal act may have been partly habit — as she was crawling nearer the speaker. She did not seem to notice the blow or its giver — the apathy

with which these people received blows or slights was more terrible than wrangling — but said assuringly, when she had reached the side of the young man —

“To-morrow, then?”

The face of the young man softened as he made the same reply he had made for the last eight days to the same question —

“To-morrow, surely!”

She crawled away, still holding the effigy of her dead baby very carefully, and retreated down the opening.

“Pears to me you don’t do much anyway, out scouting! ‘Pears to me you ain’t worth shucks!” said the harsh-voiced woman, glancing at the speaker. “Why don’t some on ye take his place? Why do you trust your lives and the lives of women to that thar Ashley?” she continued, with her voice raised to a strident bark.

The hysterical young man, Henry March, who sat next to her, turned a wild scared face upon her, and then, as if fearful of being dragged into the conversation, disappeared hastily after Mrs. Dumphy.

Ashley shrugged his shoulders, and, replying to the group, rather than any individual speaker, said curtly —

“There’s but one chance — equal for all — open to all. You know what it is. To stay here is death; to go cannot be worse than that.”

He rose and walked slowly away up the cañon a few rods to where another mound was visible, and disappeared from their view. When he had gone, a querulous chatter went around the squatting circle.

“Gone to see the old Doctor and the gal. We’re no account.”

“Thar’s two too many in this yer party.”

“Yes — the crazy Doctor and Ashley.”

“They’re both interlopers, any way.”

“Jonahs.”

“Said no good could come of it, ever since we picked him up.”

“But the Cap’n invited the ol’ Doctor, and took all his stock at Sweetwater, and Ashley put in his provisions with the rest.”

The speaker was McCormick. Somewhere in the feeble depths of his consciousness there was still a lingering sense of justice. He was hungry, but not unreasonable. Besides, he remembered with a tender regret the excellent quality of provision that Ashley had furnished.

“What’s that got to do with it?” screamed Mrs. Brackett. “He brought the bad luck with him. Ain’t my husband dead, and isn’t that skunk — an entire stranger — still livin’?”

The voice was masculine, but the logic was feminine. In cases of great prostration with mental debility, in the hopeless vacuity that precedes death by inanition or starvation, it is sometimes very effective. They all assented to it, and, by a singular intellectual harmony, the expression of each was the same. It was simply an awful curse.

“What are you goin’ to do?”

“If I was a man, I’d know!”

“Knife him!”

“Kill him, and” —

The remainder of this sentence was lost to the others in a confidential whisper between Mrs. Brackett and Dumphy. After this confidence they sat and wagged their heads together, like two unmatched but hideous Chinese idols.

“Look at his strength! and he not a workin’ man like us,” said Dumphy. “Don’t tell me he don’t get suthin’ reg’lar.”

“Suthin’ what?”

“Suthin’ TO EAT!”

But it is impossible to convey, even by capitals, the intense emphasis put upon this verb. It was followed by a horrible pause.

“Let’s go and see.”

“And kill him?” suggested the gentle Mrs. Brackett. They all rose with a common interest almost like enthusiasm. But after they had tottered a few steps, they fell. Yet even then there was not enough self-respect left among them to feel any sense of shame or mortification in their baffled design. They stopped — all except Dumphy.

“Wot’s that dream you was talkin’ ‘bout jess now?” said Mr. McCormick, sitting down and abandoning the enterprise with the most shameless indifference.

“‘Bout the dinner at St. Jo?” asked the person addressed — a gentleman whose faculty of alimentary imagination had been at once the bliss and torment of his present social circle.

“Yes.”

They all gathered eagerly around Mr. McCormick; even Mr. Dumphy, who was still moving away, stopped.

“Well,” said Mr. March, “it began with beefsteak and injins — beefsteak, you know, juicy and cut very thick, and jess squashy with gravy and injins.” There was a very

perceptible watering of the mouth in the party, and Mr. March, with the genius of a true narrator, under the plausible disguise of having forgotten his story, repeated the last sentence— “jess squashy with gravy and injins. And taters — baked.”

“You said fried before! — and dripping with fat!” interposed Mrs. Brackett, hastily.

“For them as likes fried — but baked goes fuder — skins and all — and sassage and coffee and flapjacks!”

At this magical word they laughed, not mirthfully perhaps, but eagerly and expectantly, and said, “Go on!”

“And flapjacks!”

“You said that afore,” said Mrs. Brackett, with a burst of passion. “Go on!” with an oath.

The giver of this Barmecide feast saw his dangerous position, and looked around for Dumphy, but he had disappeared.